





Ao ter o filho assassinado essa mãe transformou a dor num processo surpreendente de libertação

# Um ato imprevisível

POR LESLIE LIN

21 de junho de 2004

**A** garoa incessante do lado de fora da Escola Secundária de Correção Ming Yang deixa a sala de recepção ainda mais fria e vazia. Lin Meiyun está sentada à espera numa das extremidades da mesa comprida.

O silêncio da sala do centro de detenção juvenil de Taiwan é ampliado pelo som das batidas do seu coração. Lin diz a si mesma: *Calma. Não importa o que acontecer, não se irrite.*

Finalmente, a porta se abre. Surge um adolescente escoltado por um conselheiro. Ele se chama Yang. O menino magrela que ela vira anos atrás se transformou num rapaz alto. O ar tímido e sincero do rosto faz lembrar o do seu filho único, Teng De.

Ao ver o rapaz à sua frente, as lágrimas se acumulam nos olhos de Lin. Foi essa pessoa que, três anos atrás, matou o seu filho com uma facada no peito. Não há troca de palavras; os dois se fitam em silêncio, as emoções congeladas no ar frio.



Yang rompe o silêncio e gagueja: “Sra. You”, é o sobrenome de casada de Lin. Com lágrimas correndo pelo rosto, ele continua: “Posso abraçar a senhora?”

Lin faz que sim. Yang a abraça com força, e as emoções refreadas dão lugar a soluços incontroláveis.

“Sinto muito. Eu errei. Sinto muito”, repete Yang várias vezes. As palavras soltam as correntes de ódio e sofrimento que prenderam por tanto tempo o coração de Lin. Naquele mesmo instante, a sua alma algemada se liberta.

## 24 de dezembro de 2000

Estava um dia frio, e Teng De, 17 anos, planejara ir a um churrasco com o primo. Mas o trabalho acabou tarde, e os dois decidiram entrar na Escola de Ensino Médio e Fundamental Chang An para um passeio noturno.

“Você tem de ser punido por chegar tão atrasado”, disseram os amigos de Teng De que os encontraram lá. Mandaram que pagasse dez flexões na quadra da escola.

Um grupo de meninos do outro lado da quadra viu Teng De fazer as flexões e achou que era provocação. Encorajados pelo álcool, os garotos se aproximaram do grupo de Teng De e exigiram desculpas.

Num instante, o caos se instalou e as duas turmas começaram a brigar. Na confusão, Yang, então com 15 anos, pegou uma faca de descascar frutas e furou o peito de Teng De.

Quando perceberam o acontecido, os meninos fugiram do local. Era tarde demais para Teng De. No último



suspiro, pediu ao primo que entregasse o seu salário à mãe.

O toque incessante do telefone na manhã de Natal marcou o início do sofrimento de Lin. “Vou me lembrar para sempre”, diz ela. “Foi como se um raio me atingisse: o mundo todo começou a girar em volta de mim. A notícia foi tão esmagadora que desmaiei ali mesmo.” Lin toca a corrente no pescoço, presente de Teng De. Depois de perder o filho tão amado, os seus dias se encheram de lágrimas. Ela escutava batidinhas à porta no meio da noite, mas quando ia abrir não havia ninguém.

## Quero matar todos eles

O longo processo na Justiça aumentou seu pesar. Quando viu Yang pela primeira vez no tribunal, não conseguiu acreditar que o menininho em pé à sua frente pudesse ser tão violento. Para piorar as coisas, Yang mentiu no banco dos réus. Seus depoimentos foram incoerentes e não havia o mínimo tra-



ção de remorso. Lin ficou irritadíssima; teve vontade de lhe dar um tapa.

Ver o corpo de Teng De no necrotério, com o longo corte em forma de Y que descia pelo peito até o umbigo, calou fundo. Naquele período de trevas, ela quis matar todos os responsáveis. Em várias ocasiões, escondeu uma faca na bolsa para ir ao tribunal. Estava disposta a tomar medidas extremas para se vingar. Mas a vingança nunca aconteceu. Ela não conseguiu se obrigar a levar adiante a sua raiva.

Em vez disso, Lin se isolou do mundo, chorando ao acordar, chorando na hora de dormir, perdendo totalmente a noção dos dias. O mato cresceu na horta e a roupa suja encheu o corredor.

A família e os amigos de Lin tentaram ajudar, mas ela estava cega de tanta tristeza. Qiu Songshan, voluntário da Associação Prisional do condado de Yilan, recordou a primeira vez que viu Lin, ao visitá-la em casa. Descreveu-a como mergulhada na tristeza, com saudades do filho e cheia de ódio e raiva. Estava tão pálida e fraca que não teve energia nem para lhe pedir que fosse embora. Qiu e sua mulher passaram aquela noite com Lin. Não trocaram nenhuma palavra.

Alguns dias depois, Qiu foi visitar Lin outra vez. O portão normalmente trancado estava aberto. Ele entrou e encontrou-a caída no chão, inconsciente. Sofrera um ataque epilético. Qiu levou Lin às pressas para o hospital e cuidou dela até que recebesse alta. Depois da experiência de quase morte, Lin percebeu que aprendera como se ver livre do pesar.



**Lin e o filho, Teng De: ela chegou a esconder uma faca na bolsa para ir ao tribunal. Mas nunca se vingou.**

## **A virada**

Foi difícil para Lin desistir da necessidade de vingança. Queria que Yang e sua família morressem. Começou até a seguir os pais dele. Foi aí que viu a mãe de Yang vendendo magnólias no meio do trânsito intenso. O pai, cuja mão fora amputada num acidente de automóvel, usava o braço bom para vender as



flores, receber o dinheiro e fazer o troco. Naquele momento, Lin sentiu empatia: os pais de Yang eram tão pobres quanto ela. Lembrou-se de dificuldades parecidas quando o marido estivera acamado durante muito tempo. Naquela época, Lin arranhou dois empregos para sobreviver, de lavadora de pratos e de carros. Também cultivou uma horta para alimentar a família.

Como ela, os pais de Yang também eram vítimas das circunstâncias. Tinham sido obrigados a vender flores em vias públicas para pagar a indenização ordenada pelo tribunal. Ao vê-los do outro lado da rua, a raiva de Lin diminuiu.

*Mesmo que eu matasse [Yang], isso não traria meu filho de volta. E o meu ódio faria outra família sofrer, pensou Lin. Se o meu filho é que tivesse cometido o erro, eu também não torceria pelo perdão?*

## Agosto de 2002

Quase dois anos depois da morte de Teng De, os pais de Yang, acompanhados por Qiu Songshan, foram à casa de Lin pedir desculpas. Ao ver os pais de Yang chorando ajoelhados, implorando perdão, o que restava do ódio e da raiva de Lin se desfez. As duas mães se abraçaram. O fardo pesado de Lin lhe foi tirado. Ela finalmente aceitou as circunstâncias da morte de Teng De.

**Lin e Teng De (bebê).** A experiência de quase morte aliviou seu pesar.



Certa noite, ela sonhou com o filho, que lhe disse: “Mãe, estou bem, não fique mais preocupada comigo. Viver com ódio dentro de você faz mal à sua saúde. Por favor, cuide-se, por mim.”

Quando acordou, Lin pensou em Yang, o assassino do filho, e quis saber como estava o garoto. Essa ideia a incomodava havia algum tempo. Três dias depois, ligou para Qiu e lhe disse que gostaria de visitar Yang.





## A janela aberta

Dois dias após a visita de Lin a Yang, o rapaz lhe escreveu a primeira carta, que marcou o início de um relacionamento muito valioso para Lin.

Yang continuou a lhe escrever, contando como ia a vida. Em ocasiões festivas, também mandou cartões para Lin, feitos por ele. Costumavam lembrar-lhe de se cuidar: “Mãe You (Lin), cuide da sua saúde. Saia com

esperar, disse ela. Muitos amigos e familiares de Lin não conseguem entender por que ela perdoou o rapaz. “Não me arrependo de ter escolhido o perdão”, disse ela com firmeza. “Perdi meu filho, mas não quero que o meu ódio faça com que outra criança ferida pela culpa se perca.” Ela acredita que quem comete erros ainda pode contribuir com a sociedade, se tiver chance.

Yang aceitou o conselho de Lin e



“Não me arrependo de ter escolhido o perdão.”

as amigas, aproveite a linda paisagem. Vai lhe fazer bem.”

Depois de seis anos na casa de correção, Yang recebeu liberdade condicional. Planejava arranjar emprego para pagar a indenização que o Tribunal ordenara, mas Lin o aconselhou a voltar à escola. A indenização podia

voltou a estudar. Hoje, está no terceiro ano da universidade, estudando Alimentos e Bebidas. Lin mostra a foto que tirou com a mãe de Yang durante a cerimônia de formatura do secundário e um grosso maço de cartas do rapaz. E diz: “Quando me fechou uma porta, Deus me abriu essa janela.”

### TRABALHO EM EQUIPE

**A família do** meu amigo passou o dia inteiro ocupada com o bazar que fizeram. O irmão de Grant, de 10 anos, Andrew, foi o que mais trabalhou.

No fim do dia, todos discutiam o que fazer com o dinheiro.

– Vou comprar um carrinho de mão por 100 dólares – disse o pai de Grant –, para substituir aquele que o Andrew vendeu por 5 dólares.

*Craig Folk*